

SUBLIMANDO VÍCIOS PARA PROFANAR VIRTUDES

*Julio Daniel do Vale*⁴⁶

Aqueles que veneram vaidades mentirosas abandonam o seu amor [Jonas se refere ao amor de Deus para nós]. (Jonas, 2:9)

Vós outros, fariseus, pondeis grande cuidado em limpar o exterior do copo e do prato; entretanto, o interior dos vossos corações está cheio de rapinas e de iniquidades. Insensatos que sois! aquele que fez o exterior não é o que faz também o interior? (Lucas, 11:37 a 40.)

Desde os primórdios os espíritos superiores nos exortam ao mergulho reflexivo, a busca do autoconhecimento que é, ao mesmo tempo, um freio para nossos desares e um reforço para perseverarmos nas virtudes já conquistadas. Por que então a insistência no vício? A queda em consecutivas reencarnações em equívocos já praticados outrora? A resposta é simples, mas não simplória. Mesmo as pessoas que pouco conhecem sobre os mecanismos de justiça da divindade sabem que não será por um único erro que sua alma estará condenada e tampouco que por uma única boa ação ela estará salva. A Doutrina Espírita, que tem a reencarnação como um de seus dogmas, justifica que é nesse processo lento e gradual que o espírito se depura e marcha em rumo à perfeição. Nesse processo de anos sem conta, a visão do encarnado que abarca apenas uma pequena fração da longa existência do espírito dificulta a compreensão do quadro geral.

Quando a limpeza de uma casa é feita diariamente, é possível que seus transeuntes mal percebam o empenho de quem zelou por aquele local, mas se acaso a faxina tardar um ou dois dias, os sinais de sujeira certamente passam a ser perceptíveis. Se o abandono se estender por mais de uma semana, o uso de banheiros e cozinha passa a ser quase impraticável. Em um mês, se providências não forem tomadas, poucas pessoas suportarão a insalubridade local. Ninguém restituirá a alvura em um dia de trabalho em uma casa abandonada por longa data. Muito empenho na limpeza e mesmo reparos e reformas serão necessários para que esta casa volte a exalar todo o frescor e conforto de uma habitação bem higienizada. Nossas almas, invariavelmente, foram abandonadas por séculos, ou milênios... Quem sabe? O fato é que hoje, aqueles que se propõem à tarefa de reforma devem estar cientes de que será necessário muito esforço, dedicação e disciplina para que possam remover toda a crosta de impurezas que permitiram acumular. Essa tarefa não exige os saberes do mundo, mas por mais simples que seja a limpeza de uma casa, fatalmente alguém terá que executar a tarefa. Com nossas almas não é diferente, sabemos o que é preciso ser feito, resta apenas fazer.

Isso não deve ser visto como um fator de desmotivação. De maneira alguma! Não foi o próprio Cristo que nos assegurou que com Ele “o fardo é leve e o jugo é suave” (KARDEC, 2006, p. 166)? Além disso, a consciência da longa tarefa que nos aguarda ajuda-nos a racionalizar a necessidade de perseverança. Mas, mesmo aqueles que já decidiram pela busca do bem e da auto-superação certamente encontrarão dificuldades. Embora não pare dúvidas sobre nenhum cristão convicto de que Deus é O maior e de que sempre temos Jesus como uma referência infalível, é preciso ter consciência de que nós somos falíveis. Não por acaso o Mestre nos aconselha o “vigiai e orai” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1752) e também na oração do Pai Nosso, ensina-nos a pedir para que Deus “não

nos deixe cair em tentação” (KARDEC, 2006, p. 439). A necessidade de nos sintonizarmos com a divindade é muito maior do que as pessoas imaginam.

Além de trazermos em nosso ser os apegos e vícios pretéritos, em todas as épocas e em todos os lugares, o perigo externo também nos ronda, característica elementar de um mundo de prova e expiações. Nosso tempo também oferece seus descaminhos e ciladas. Embora os motivos pelos quais nos equivocamos sejam quase sempre por causa de nosso orgulho e egoísmo, a maneira como muitos enganos e os erros acontecem tem peculiaridades diferentes em cada período. Esse trabalho tem como objetivo chamar a atenção para antigos problemas do Espírito humano, como a idolatria e o culto exterior, mas que agora aparecem em nova roupagem. Serão comentadas circunstâncias pelas quais dirigentes e educadores espíritas se veem desafiados entre contrariar as convenções do mundo, que muitas vezes usam expressões e aparências sedutoras, elegantes, ou para usar uma expressão também atual, “politicamente correta”, e que, no entanto, estão claramente em contraposição com os postulados doutrinários. Em uma palavra, serão expostos neste trabalho, elementos que são politicamente corretos, mas doutrinariamente errados.

O bem na aparência e o mal na prática

Já na infância e adolescência somos motivados pelo desejo de ser bem aceitos no grupo de convívio. Pela vaidade que nos aguça o desejo de receber apreço e elogio, buscamos imitar o comportamento alheio, seguir os modismos, por mais extravagante ou insensato que isso possa parecer. Nessa faixa de idade, esse comportamento é compreensível, mas não desejável. Os espíritas devem atentar para isso na educação de seus filhos e nas orientações recebidas nas atividades destinadas a esse grupo. Devem orientar os mais jovens, deixando claro que uma vivência verdadeiramente cristã irá nos impor diversas situações em que teremos que agir contra o consenso, e em alguns momentos poderemos desagradar pessoas muito queridas, caso essas queiram insistir em atitudes, das quais sabemos, não seria correto compartilhar. O pior é quando esse comportamento se perpetua, e segue na idade adulta e adiante. Sem se dar conta, muitos usam roupas, seguem ideologias, silenciam diante de injustiças e equívocos dos mais variados, quando não, chegam mesmo a ser coniventes, a fim de não desagradar o círculo de pessoas com as quais convive.

As faculdades e os centros educacionais, que deveriam estimular o conhecimento diversificado, o aprofundamento nas diversas ideias e propostas que estão ao alcance do homem, são maciçamente dominados por correntes filosóficas cujos fundadores veem na fé religiosa um grande erro. Essas filosofias cultuadas em nossas academias têm em seus principais fundadores homens materialistas*, ou até mesmo revolucionários sanguinários**. Essa situação convida ao adepto do Espiritismo que escolha entre a aceitação nesses grupos de ideólogos, ou então que

* N.A. São muitos os pensadores materialistas que possuem grande repercussão no meio acadêmico, mas aqui estão alguns dos mais renomados: Epicúrio 341–270 a.C., Charles Darwin 1809–1882, Karl Marx 1818–1883, Friedrich Engels 1820-1895, Friedrich Nietzsche 1844-1900, Jean-Paul Sartre 1905-1980.

** N.A. Revolucionários violentos houveram em todos os tempos, mas quando eles chegam ao poder de uma nação, seus danos tomam grandes proporções, em nome de um futuro redentor são capazes de cometer grandes atrocidades, sugiro que pesquisem algumas dessas biografias para conhecerem esses casos com mais detalhes: Vladimir Lênin 1870-1924, Josef Stalin 1878-1953, Mao Tsé-Tung 1893-1976 e Ernesto Che Guevara 1928-1967.

proclame sua liberdade de pensamento e fidelidade aos princípios fundamentados pela Doutrina que abraçou. Afinal, não é possível agradar a Deus e a Mamom.

Nas artes, principalmente na música, fenômeno similar também ocorre. É improvável um adolescente não gostar de músicas que depois, na fase adulta, quando recordar, sentirá um misto de vergonha e graça. Natural que assim seja. Ocorre que algumas pessoas, mesmo na fase adulta, continuam a manifestar uma atitude infantil. Não aprimoram o senso estético, não pesquisam e nem estudam as variadas e riquíssimas expressões que a arte possibilita como instrumento para elevar a alma e aguçar a nossa sensibilidade. E assim, os filmes, os programas televisivos, as conversações cotidianas e a literatura vulgar, somam-se a nossa permissividade e o senso de certo e errado fica perdido, não se sabe onde.

Mesmo se buscarmos naquilo que deveria ser a referência para o belo no que as Artes podem produzir, mesmo se tomarmos como exemplo a maior mostra de arte do país* o que encontraremos é um verdadeiro show de horror, não que ela cause algum medo, mas pelo primarismo, pelas expressões que não chegam nem a ser obscenas, são apenas toscamente vulgares. Enquanto acadêmicos da área e outros afamados conhecedores do assunto observam as obras com expressões graves e compenetradas, se ali fosse colocado um operário ou um homem do campo, provavelmente ele apresentaria apenas olhares de incompreensão, ou mesmo de indignação. Faz sentido, qual outra expressão caberia diante de uma gravura cujo autor se auto-retrata eliminando grandes personalidades? (FOLHA.COM, 2010, Ilustrada, 17/09/2010 – 15h24) É comum que os doutos profissionais da área, justamente aqueles que deveriam trabalhar para alçar a arte para o operário e camponês, já estão por demais contaminados com os vícios da cultura materialista e anti-cristã que impera nesse meio, onde obras de cunho religioso são consideradas retrógradadas, antiquadas e até mesmo despropositadamente repressivas. Os pseudo-gênios artísticos em voga são invariavelmente materialistas, promíscuos, e o uso de bebidas e drogas por muitos deles é tido como uma fonte de inspiração e não de perversão. Considerando esse cenário do pensamento artístico atual, cabe a pergunta: como tratar esse tema na casa espírita?

No livro *O Pensamento de Emmanuel*, Martins Peralva comenta que o próprio Emmanuel orientou ao Chico Xavier que quando ele dissesse algo em contradição com a Doutrina, era para o Chico ignorar o que o Emmanuel havia dito e seguir a orientação doutrinária. Façamos o mesmo quando observarmos incongruências entre os princípios doutrinários e o consenso mundano. Busquemos nas obras básicas o norte de nossas orientações.

É compreensível que alguns suspeitem que nessas observações que foram feitas a respeito das expressões artísticas de nosso tempo haja uma má vontade, ou algum exagero. Alguns contrastes podem auxiliar na compreensão do que está sendo exposto aqui. Apresentemos dois: primeiro, qual quadro encontraríamos se fizéssemos uma comparação entre as músicas mais ouvidas nos meios da alta cultura de nossos dias com os meios da alta cultura do século XIX? Vejam que aqui está se propondo uma comparação entre o gosto musical das pessoas da alta cultura, já que se fôssemos considerar a cultura popular, das massas, aquelas que

* N.A. A referência aqui é à Bienal de Artes de São Paulo. Algumas das pseudo-obras lá expostas podem ser visualizadas nesses sítios na internet: <<http://blogs.estadao.com.br/radar-politico/2010/09/21/marina-silva-visita-instalacoes-da-29%C2%AA-bienal-de-sao-paulo/>; http://entretenimento.uol.com.br/album/mauricio_ianes_bienal_album.jhtm; http://entretenimento.uol.com.br/album/encerramento_avaf_album.jhtm>.

estão nos primeiros lugares nas rádios mais ouvidas, nos shows mais numerosos, estaríamos falando de gêneros tão grotescos que sequer haveria estilos com os quais pudéssemos compará-los no século XIX, afinal, as músicas de taberna daquele período, hoje em dia, provavelmente são consideradas eruditas. O segundo contraste apresentado é o que foi proposto pelos espíritos responsáveis pela codificação. Quando questionados por Kardec a respeito da ação da música sobre o Espírito, comparando as músicas do tempo de Kardec com as do plano espiritual, eles deram a seguinte resposta:

Aludes à música terrena? Que é ela comparada à música celeste? A esta harmonia de que nada na Terra vos pode dar ideia? Uma está para a outra como o canto do selvagem para uma doce melodia. Não obstante, Espíritos vulgares podem experimentar certo prazer em ouvir a vossa música, por lhes não ser dado ainda compreenderem outra mais sublime.

A música possui infinitos encantos para os Espíritos, por terem eles muito desenvolvidas as qualidades sensitivas. Refiro-me à música celeste, que é tudo o que de mais belo e delicado pode a imaginação espiritual conceber. (KARDEC, 2001, p. 163)

Será possível que alguém creia que os espíritos da codificação estavam de má vontade ou exageraram na comparação? Mas é compreensível a não aceitação de crítica do *doxa* dos artistas e críticos da área. Se em qualquer grupo acadêmico alguém repetir a comparação que foi feita pelos espíritos (“Uma [música do plano material] está para a outra [do plano espiritual] como o canto do selvagem para uma doce melodia”), seria certamente tratado como um preconceituoso e não seria difícil alguns ainda argumentar que o canto do selvagem, por ser exótico, é “mais natural”, “mais belo”, e uma sequência de justificativas tão subjetivas quanto despropositadas.

São constantes nas obras de André Luiz referências à importância da música como um elemento de auxílio ao equilíbrio e na condução das atividades dos espíritos auxiliares, como também há os exemplos de como a música pode ser fonte de perturbação*. Além da música, todas as demais expressões de artes podem, e devem, ser colocadas a serviço do bem, a fim de promover o progresso e a elevação do espírito, mas isso não acontecerá de forma espontânea. Não serão os centros acadêmicos, os financiadores privados ou as instituições governamentais que o farão. O adepto da Doutrina Espírita tem a sua cota nessa tarefa. Deve assumir esse compromisso, como tudo nessa Doutrina: primeiro, consigo mesmo, depois no lar, no centro espírita, e assim por diante. Há várias referências nas obras básicas** que nos dão base para sabermos como proceder.

Felizmente Jesus opera constantemente e sempre há os que trabalham a favor do que é verdadeiramente bom e belo. Na Fundação Allan Kardec, somos testemunha disso. Irmãos, ainda em número reduzido, trabalham de maneira

* N.A. No livro *Nosso Lar*, o capítulo 45 “No Campo da Música” é praticamente todo ele dedicado ao tema da música, o mesmo se observa no livro *Os Mensageiros*, no capítulo 31 “Cecília ao Órgão” e o 32 “Melodia Sublime”. Mas fora esses capítulos específicos, a referência à influência da música é uma constante que pode ser observada em todos os 16 livros da série que o espírito André Luiz ditou para o Chico Xavier.

** N.A. Sobre o papel da Arte para o Espírito, vale a pena ler as questões 316, 565 e 566 (KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 6ª ed. [de bolso]. Rio de Janeiro: FEB, 2001.). A Primeira Parte - *Influência Perniciosa das Ideias Materialistas* – o tópico: *Sobre as artes em geral; sua regeneração pelo Espiritismo*; e o tópico: *Teoria da Beleza* (Id. *Obras Póstumas*. 32ª ed. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 2002.). E ainda a Segunda Parte, Capítulo 2, *A viúva Foulon, nascida Wollis*. (Id. *Céu e Inferno*. 48ª ed. Brasília-DF: FEB, 2002.).

exemplar, oferecendo-nos preciosos momentos de rara beleza. Principalmente pelo teatro e pela música, falam-nos das belíssimas passagens do Evangelho, encenam quadros da realidade espiritual, enchendo-nos o imaginário do que nos aguarda em um futuro próximo. E com afortunados representantes que possuem o dom de expressar em melodia os sentimentos mais delicados que precisamos aprender, transpassam o estágio verbal para nos tocar também por suas vibrações. São esses trabalhadores valorosos que devem nos inspirar para fazermos nós também o que pudermos nesse campo de atuação.

Outro importante segmento que a Doutrina Espírita se configura como um porto seguro para os tempestuosos tempos em que vivemos, é na questão da sexualidade. É certo que se fôssemos condicionar o estudo e o debate desse tema nos centros espíritas às pessoas que não tivessem nenhum tipo de problema em relação ao uso de sua sexualidade, poucos sobriam para tratar do assunto.

Mas, certamente não será com o silêncio generalizado sobre o tema que conseguiremos mudar esse cenário. Há dois princípios básicos que nos possibilitarão trazer para todos os grupos de estudos as oportunas e libertadoras elucidações que a Doutrina nos oferece. Primeiro, os fundamentos doutrinários devem ser apresentados tais como são, seja o dirigente um adepto exemplar ou não daquilo que consta principais referências. Segundo, ao se abordar aspectos secundários e não consensuais, o dirigente deve deixar claro o que é opinião dele ou de determinado autor, cabendo aos assistidos o dever de ponderar sobre as perspectivas apresentadas, e a consciência de que lograrão os benefícios no que de mérito tiverem suas atitudes, como também, responderão pelos desregramentos e excessos que por ventura se permitem se permitirem.

O fato de um dirigente não ser um exemplo de moralidade na questão sexual não pode impedi-lo de preconizar pelos princípios que alçam o uso do sexo como recurso divino. Vejamos um trecho de uma das obras da Joanna De Ângelis a respeito desse assunto:

No homem, face ao uso [do sexo] que nem sempre obedece a finalidade precípua da perpetuação das formas, experimenta agressões e desvios que o desnaturam, tornando-se, o sexo, fator de desditas e problemas da mais variada expressão. (FRANCO, 1990, p. 115)

Vale a pena atentar para o detalhe “a finalidade precípua” do sexo é a perpetuação, ou seja, a finalidade principal, essencial. O dirigente que afirmar isso em seu grupo, certamente não corre o menor risco de propagar ideias equivocadas em nome da Doutrina. Mas pode surgir questões como, se essa é a função principal, quais seriam as funções secundárias? Bem, aí também teremos outras obras, de grandes vultos da Doutrina, que também tratam do assunto, mas as respostas já não são mais tão simples e objetivas*. Isso não significa que as funções secundárias do sexo não podem ser tratadas nos estudos espíritas. Mas, significa que o dirigente deve alertar aos demais que estamos entrando em uma área que requer ponderação. Que o cuidado entre o papel que o sexo representa para a evolução do espírito é geralmente distinto dos condicionamentos que a maioria de nós trazemos, e provavelmente o contrário do que assistimos nos programas televisivos, do que

* Dentre as obras que tratam do assunto, podemos relacionar brevemente algumas, tais como: *Sexo e Destino* de André Luiz/Francisco C. Xavier, *Sexo e Evolução* de Walter Barcelos, *Vida e Sexo* de Emmanuel/Francisco C. Xavier e *Sexo e Obsessão* de Manoel Philomeno de Miranda/Divaldo P. Franco.

ouvimos nas rodas de amigos, do que temos constantemente estimulado por cartazes, *outdoors* e os demais apelos tão comuns em nossa sociedade.

Os exemplos de antíteses entre a Doutrina e as convenções da atualidade são inúmeros. Em seu livro, *Adolescência e Vida*, Joanna de Ângelis faz graves observações sobre a sexualidade na adolescência e juventude:

Reunindo-se em grupos para intercâmbio de opiniões e experiências de curiosidade, os adolescentes ficam a mercê de profissionais do vício, que os aliciam mediante as imagens da mídia perversa e doentia ou da prostituição, hoje disfarçada de intercâmbio descompromissado, para atender àqueles impulsos orgânicos ou de viciação mental, em relacionamentos rápidos quão insatisfatórios.

[...]

Anedotário chulo, palavreado impróprio, exibição de aberrações, normalmente são utilizados como temas para as aulas de sexo, a desserviço da orientação salutar, mais aturdindo os adolescentes tímidos e inseguros e tornando cínicos aqueles mais audaciosos.

[...]

Sexo sem amor é agressão brutal na busca do prazer de efêmera duração e de resultado desastroso, por não satisfazer nem acalmar. Quanto mais seja usado em mecanismo de desesperação ou fuga, menos tranquilidade proporciona. (FRANCO, 1997, p. 10)

Já no capítulo três da mesma obra, a autora observa que para aqueles que pretendem iniciar uma vida a dois, ela adverte:

Somente quem se dispõe a administrar os desafios, consegue planar acima das vicissitudes, que passam a ter o significado que lhes seja atribuído. Quando se dá a inversão de metas, ou seja, a necessidade de gozo e de desfrutar de todas as comodidades juvenis, antes de equipar-se de valores morais e de segurança psicológica pelo amadurecimento das experiências e vivências, inevitavelmente o sofrimento, a insatisfação, a angústia substituem os júbilos momentâneos e vão. (FRANCO, 1997, p. 13)

Sugiro ao leitor que busque saber qual é a orientação que um jovem encontra sobre esse tema nas revistas produzidas para a sua faixa etária. Vejam também em canais que visam a esse tipo de público e que possuem programas específicos sobre o tema, ou ainda, sites similares na internet. Não tenham dúvidas, quando discorrem a respeito da iniciação sexual, a maioria faz alerta para o uso do preservativo, colocam mais alguns detalhes que variam entre expressões subjetivas como “tem que ser alguém por quem seu coração bata mais forte”, tem que ser “alguém de atitude” sabe-se lá o que isso queira dizer. O fato é que, muitas vezes, até órgãos governamentais entram nessa pantomima e, subvertendo um papel que só cabe a família, promovem a promiscuidade e a irresponsabilidade, abandonando posteriormente os adolescentes à própria sorte.* Garotas que acabam por engravidar

* N.A. No Rio Grande do Sul, a justiça entendeu que a lei constitucional que declara estupro quando um indivíduo de maioridade mantém relação com adolescentes menores que 14 anos já não se ajusta mais aos dias de hoje (<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1§ion=Geral&newsID=a2394476.xml>). O Ministério da Educação e algumas ONGs produziram um material didático denominado “kit anti-homofobia”. Um dos componentes do kit é um vídeo de um garoto que chega à conclusão de que se namorar meninos e meninas ele terá uma chance maior de encontrar alguém para se relacionar (<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/marcha-dos-bucefalos-filme-que-faz-proselitismo-gay-comete-erro-grosseiro-de-matematica-%E2%80%9Cproblematiza%E2%80%9D-a-sexualidade-e-viola-a-lei-das-probabilidades-ou-fora-fernando-haddad/>). Contrariando a vontade de

e com isso promovem uma verdadeira reviravolta em seus projetos, e muitas vezes alteram mesmo a dinâmica de toda a família. Além do problema aparente da gravidez, muitos adolescentes e jovens que iniciam a vida sexual de maneira precipitada sofrem graves frustrações e complexos que podem causar marcas graves e profundas, carecendo de tempo e tratamento adequado para sua superação.

Reflitamos ainda uma vez mais, em quantas ocasiões nossos jovens e adolescentes estão expostos ao entendimento mundano a respeito do sexo. Quantas vezes em nossas instituições os incentivamos a consagrar essa força genésica para os sagrados laços do matrimônio? Se nós não apresentarmos essa possibilidade para eles, quem mais o fará? Quantas vezes os auxiliamos, dando-lhes orientações para que saibam como lidar com a difícil tarefa de disciplinar o desejo, principalmente nessa fase da vida? Não é possível que companheiros da causa Espírita acreditem que nossos jovens são como animais irracionais que não são capazes de ordenar seus instintos. Ou deveríamos então reeditar o que os espíritos nos disseram na questão 645 de *O Livro dos Espíritos*:

Quando o homem se acha, de certo modo, mergulhado na atmosfera do vício, o mal não se lhe torna um arrastamento quase irresistível?

Arrastamento, sim; irresistível, não; porquanto, mesmo dentro da atmosfera do vício, com grandes virtudes às vezes deparas. São Espíritos que tiveram a força de resistir e que, ao mesmo tempo, receberam a missão de exercer boa influência sobre os seus semelhantes. (KARDEC, 2001, p. 314)

Façamos ainda uma importante ponderação a respeito do papel do homem e da mulher no relacionamento conjugal, tomando como referência o diálogo de André Luiz e Lísias (XAVIER, 1996, p. 249). Antes é importante destacar que esse livro foi psicografado no ano de 1944, ou seja, as características que são descritas por Lísias referem-se a um período superior a seis décadas atrás, em que ele narra a seguinte situação:

[...] A liberdade que as leis sociais do planeta conferem ao sexo masculino, ainda não foi devidamente compreendida por nós outros. Raramente algum de nós a utiliza no mundo em serviço de espiritualização. Amiúde, convertemo-la em resvaladouro para a animalidade. As mulheres, ao contrário, têm tido, até agora, a seu favor, as disciplinas mais rigorosas. Na existência passageira, sofrem-nos a tirania e suportam o peso das nossas imposições; aqui, porém, verificamos o reajustamento dos valores. Só é verdadeiramente livre quem aprende a obedecer. Parece paradoxo e, todavia, é a expressão da verdade. (XAVIER, 1996, p. 249)

É fato que tivemos muita mudança no comportamento e no papel exercido pelo homem e pela mulher no quadro do matrimônio. Contudo, se há 60 anos a esperança era a de que os homens se inspirassem no exemplo de disciplina e comedimento das mulheres para modificarem sua conduta, verificamos que, nos dias atuais, não houve melhora na conduta masculina. E ainda mais preocupante, é constatar que significativa parcela das mulheres passou também a assumir uma conduta descompassada daquilo que encontramos nas referências doutrinárias. Vede as orientações recorrentes em revistas femininas, quão comum é encontramos

muitos pais e especialistas o Ministério da Saúde e da Educação deram início a instalação de máquinas que distribuem preservativo para adolescentes e jovens
(<http://oglobo.globo.com/educacao/mat/2010/09/06/instalacao-de-maquinas-de-camisinhas-nas-escolas-de-ensino-medio-gera-polemica-917564241.asp>).

nesses meios o estímulo desmensurado e a absoluta ocultação do fundamental papel da moralidade como pano de fundo para o estabelecimento de relacionamentos salutareis.

Em suma, no campo da sexualidade, devemos ser solidários com aqueles que sucumbem e dar força e ânimo para que possam se superar. Aliás, para que todos nós possamos nos superar! Mas, que estejamos atentos para não nos deixarmos levar pelo senso mundano.

Conclusão

Enfim, **em nome da liberdade sexual não se deve promover a libertinagem** ou atribuir a monogamia comportamento resultante de uma educação repressiva e por reflexo de condicionamentos. Utilizando-se de variados meios de divulgação, desde revistas, sites e programas televisivos, frequentemente profissionais invigilantes ou equivocados dos mais diversos setores, que deveriam justamente orientar e auxiliar as pessoas na área da saúde e educação, valem-se de suas credenciais para dar um verniz de seriedade àquilo que não passa de perversão do espírito humano.

Outros **dizem falar em defesa dos homossexuais, mas na verdade querem que todos vejam essa opção como algo nobre, correto, santificado**, como se essa escolha não pudesse receber críticas. Quem permite a liberdade de escolha de envolver-se ou não com uma pessoa do mesmo sexo é Deus. Só a Ele cabe julgar essa atitude do indivíduo. Ponto. Fundamentalmente, se observarmos o homem como um espírito, não cabe a qualificação de homossexual ou heterossexual, pois que somos espíritos e o Espírito não possui sexo. A questão da sexualidade tem infinitos desdobramentos, mas é claro o seu propósito primordial para a reprodução humana. Qualquer espírita que defender esse tipo de uso do sexo (para a procriação) para casais que estão unidos pelo amor sincero jamais contradirá a Doutrina. Aquele que pretende ir além disso deve estar ciente do que está propalando. Não deve se deixar pautar por movimentos militantes que pretendem causar mais confusão do que benefícios para quem quer que seja, mas, por outro lado, deve medir as palavras a fim de não ferir corações, muitas vezes já bastante doridos.

Eis então que assistimos, **em nome da defesa da igualdade racial a promoção da desigualdade racial**, leis que, para reparar males do passado com determinados grupos raciais, passam a instituir Conselhos Discriminantes, onde pessoas se juntam de forma arbitrária e decidem quem é ou quem não é de determinada raça*. Não raro, indivíduos que vêm de condições humildes e com muito sacrifício conseguem posição para entrar em um curso universitário, perdem a vaga para alguém que tinha condições econômicas de acesso melhor e que, mesmo pior qualificado nas provas de conhecimento, logra a vaga em função da raça que meia dúzia de pessoas disseram que ele tinha.**

Que dizer daqueles que, **em nome de uma educação libertadora, escravizam jovens e crianças na ignorância intelectual**. Os exemplos são

* N.A. Em 2007 um Conselho da Universidade Federal de Brasília – UnB classificou dois irmãos, que eram gêmeos univitelinos, de forma diferente, segundo esse conselho, um era negro e o outro não (http://veja.abril.com.br/060607/p_082.shtml).

** N.A. Juízes evidenciam que o sistema de cotas fere a igualdade entre as raças estabelecida na Constituição (<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,justica-suspende-sistema-de-cotas-da-universidade-federal-de-sc,113003,0.htm>).

vários^{***}, mas ganhou maior repercussão em nossa sociedade um livro didático comprado com recursos públicos, que ensinava a criança que o errado também era certo.* O autor de uma ideia esdrúxula como essa certamente não acredita que exista “certo e errado”. E ele tem todo o direito de pensar assim, mas que direito ele tem de relegar das regras formais de ortografia as crianças que usarão esse livro? Não surpreende que, com educadores com essa mentalidade, o Brasil, ano após ano esteja entre os países de pior qualidade educacional**, ou então, que até um quinto dos alunos universitários sejam classificados como analfabetos funcionais (pessoas que conseguem ler, mas não conseguem apreender o sentido do que está escrito).^{***}

Não nos deixemos enganar por esses falsos dilemas. E se precisamos de muita honestidade e humildade para reconhecer nossos vícios e limitações, temos *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, que nos acalenta dizendo que o verdadeiro espírita é reconhecido “pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más”.¹³ **O problema não é admitir que temos más inclinações, o grande problema existe quando tentamos enganar os outros – ou pior ainda, quando tentamos nos enganar – de que nossas más inclinações são sim virtudes.** Não nos equivoquemos em fazer isso ou de contestar com quem assim procede. Os que optam por agirem dessa forma se metem em tortuoso labirinto, de difícil regresso...

Estejamos atentos a tudo isso e auxiliemos nossos assistidos, nossos jovens, nossas crianças e tantos outros mais que pudermos esclarecer sobre a difícil tarefa de manter a lucidez diante da loucura, a paz diante do tumulto e a esperança nos corações que oscilam entre a apatia da depressão ou a agitação do frenesi, característico de nosso tempo moderno. Tanto na depressão, quanto na agitação, fica difícil ouvir a voz da própria consciência.

Precisamos reconhecer e compreender a triste condição humana, mas não para converter isso em lamúrias e queixas constantes, e sim para saber que a marcha é trabalhosa, exige-nos dedicação, disciplina. Não será com receitas banais vendidas a rodo em infindáveis livros do gênero de auto-ajuda, que quanto mais simples é a receita, mais inútil é seu efeito. Teimam em ensinar que se você repetir constantemente para si mesmo que “você é feliz”, “você pode mais”, “você é um vencedor” e tantas outras frases de efeito do mesmo tipo, tudo estará resolvido. Mal sabem essas pessoas que o maior problema não é quando alguém se dá conta da empulhação na qual se meteu. O maior problema é quando ele passa a acreditar nisso tudo mais do que em qualquer outra coisa! Aí sim, o despertar se torna muito mais complicado. As camadas de auto-engano se tornam tão espessas que dificilmente serão superadas em uma única existência.

A regeneração social acontecerá não quando os homens forem perfeitos, mas antes disso, quando tivermos uma sociedade composta por uma maioria com fé inabalável no Criador; quando cada indivíduo for consciente de suas imperfeições e

*** N.A. Associação *Escola Sem Partido* denuncia diversos exemplos de erro crassos em livros didáticos (http://www.escolasempartido.org/?id=38,1,topico,2,4,new_topic).

* N.A. Colunista da revista *Veja* comenta livro didático que aponta a expressão “Os livros ilustrados mais interessante estão emprestado” como uma forma correta de se escrever (<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/direto-ao-ponto/os-livros-mais-interessante-estao-emprestado/>).

** N.A. Reportagem da revista *Veja* comenta a 52ª colocação do Brasil no Ranking internacional de qualidade no ensino em Ciências (http://veja.abril.com.br/051207/p_158.shtml).

*** N.A. Compilando dados do IBOPE, Alexandre Magno Leão dos Santos comenta a crítica situação do ensino no País (<http://blogln.ning.com/forum/topics/em-cada-10-universitarios-dois?page=1&commentId=2189391%3AComment%3A538227&x=1#2189391Comment538227>).

buscar constantemente superá-las e, por fim, quando compreender e reconhecer os males de seu tempo, a fim de não ser iludido e não se deixar servir de instrumento ao mal e, mais do que isso, trabalhar para que o mal sucumba, em benefício da vitória e supremacia do verdadeiro bem, que existe e que não é relativo! Esse bem se chama caridade, o amor em ação, como Jesus Cristo nos ensinou.

Referências bibliográficas

BÍBLIA DE JERUSALÉM. [de 1998 revista e ampliada] ed.; São Paulo, Brasil: Paulus. 2002. Jonas, Cap. 2, versículo 9. 1632p.

_____. _____. Lucas, Cap. 11, versículo 37-40. 1708p.

KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 125^a ed.; Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006. Cap. 8, item 8. 166p.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. [de 1998 revista e ampliada] ed.; São Paulo, Brasil: Paulus. 2002. Mateus, Cap. 26, versículo 41. 1752p.

KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 125^a ed.; Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006. Cap. 28, item 2. 439p.

FOLHA.COM. Ilustrada - 17/09/2010 - 15h24 *Obra que estará na Bienal causa polêmica por "matar" FHC e Lula - SÃO PAULO*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/800441-obra-que-estara-na-bienal-causa-polemica-por-matar-fhc-e-lula.shtml>>. Acesso em 10 out. 2011.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 6^a ed. [de bolso]. Rio de Janeiro: FEB, 2001. Cap. VI. Q. 251. 163p.

FRANCO, Divaldo P. *O Homem Integral*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 14^a ed. Salvador – Bahia: Livraria Espírita Alvorada, 1990. Capítulo 7, 115p.

FRANCO, Divaldo Pereira. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. *Adolescência e Vida*. Salvador, Bahia: Livraria Espírita Alvorada, 1997. Capítulo 2.

_____. _____. Cap. 3.

KARDEC, Allan. *O livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 6^a ed. [de bolso]. Rio de Janeiro: FEB, 2001. Parte Terceira, Cap. 3. Q. 645. 314p.

XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso Lar*. Pelo Espírito André Luiz. 45^a ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996. Cap. 45, 249p.

KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 125^a ed.; Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006. Cap. 17, item 3. 311p.